

Martin Gilbert e o “Grande Trabalho” Presente na Criação

O único filho de Winston Churchill, Randolph, o primeiro autor da biografia oficial, iniciou o que chamou “O Grande Trabalho” em 1961, e no seu vigésimo quinto aniversário, 25 de Outubro de 1962, Martin Gilbert foi contratado com um de cinco assistentes.

O projecto começou de forma grandiosa. Com o objectivo de escrever um registo para a eternidade, Randolph insistiu que os editores produzissem volumes de documentos que acompanhassem a narrativa biográfica que eles estava a escrever. Esta ficou provada ser, especialmente com Sir Martin, uma tarefa de enorme alcance. Uma coisa é, e já não é fácil, citar um documento no decorrer de uma explicação sobre o seu significado numa narrativa histórica, especialmente quando a narrativa é construída quase integralmente por estas fontes originais. Outra coisa é *publicar* esse documento para que o leitor possa compreendê-lo independentemente de uma narrativa que o envolva.

Isto requer um extenso sistema de indexação e de anotações de um tipo diferente. As pessoas e os eventos têm de ser, o mais possível, identificados e explicados. Além disso, é preciso seleccionar os documentos a serem incluídos, tendo em conta que o corpo total é demasiado numeroso e extenso para ser publicado num livro ou numa série de livros, mesmo que os livros sejam grandes e em grande quantidade. A selecção tem de ser feita baseada em critérios de relevância, de poder explicativo e importância. A pro-



POR
**Larry
P. Arnn**

Presidente do
Hillsdale College.
Responsável pela
edição *Churchill's
Documentary*

veniência de tudo tem de ser explicada. Esta actividade é um serviço para a história em si mesma e uma porção maioritária, provavelmente de longe a maior porção no volume total, da tarefa.

Martin Gilbert trabalhou como investigador na bibliografia durante quase cinco anos até Junho de 1967. Nesse momento, desistiu e justificou a sua decisão com a pressão do trabalho biográfico, especialmente sob o exigente Randolph, em combinação com o seu próprio trabalho histórico e a sua actividade docente em no Merton College, em Oxford. Em Maio de 1968, Randolph telefonou a Martin para lhe dizer que “uma luz estará sempre a arder para ti aqui” e concordaram nessa conversa que Martin voltaria a juntar-se à equipa brevemente. Três semanas depois Randolph Churchill morreu.

Randolph e os seus editores britâ-

nicos, Heinemann, queriam que o seu próprio filho Winston lhe sucedesse enquanto biógrafo, mas Lorde Hartwell, proprietário do *Daily Telegraph* e de determinados direitos para serializar a biografia, tinha preferência por Lorde Birkenhead, filho de um grande amigo de Churchill F.E. Smith, o primeiro Lorde Birkenhead. Semanas passaram enquanto se discutiram os prós e os contras entre ambas as partes. Finalmente, os editores americanos, Houghton Mifflin, sugeriram que o jovem Martin Gilbert, que tinha estado presente em algumas discussões durante a sua amizade com o neto Winston, terminasse o trabalho. Martin encontrou-se com Lorde Hartwell e “em desespero com a hipótese de perder esta oportunidade fiz a seguinte sugestão: Lorde Birkenhead, um reconhecido biógrafo de volume único, escreveria uma biografia de Churchill de um só volume baseada nos documentos dos quais Lorde Hartwell é legítimo proprietário dos direitos de autor. Eu terminaria o trabalho de vários volumes no qual Randolph embarcou. O livro de Lorde Birkenhead seria curto e estimulante. O meu seria longo e académico”. O compromisso foi aceite e ao jovem historiador foi-lhe atribuído o trabalho em Outubro de 1968.

Durante os quarenta e seis anos que passaram desde que Martin Gilbert aceitou esta grande tarefa, o número de livros publicados da sua autoria aumentou para

oitenta e oito. A biografia de Churchill tornou-se algo de magnificante em escala, âmbito e rigor. É sem dúvida a mais longa biografia alguma vez escrita, tal como convém a uma das maiores vidas alguma vez vivida. É construída a partir de um esforço de investigação que consumiu os melhores esforços deste prolífico autor durante a maior parte da sua vida. Ele foi mantendo durante todo o trabalho o compromisso rigoroso de uma cronologia cuidadosa, de atenção no rigor em cada detalhe e de dependência dos documentos originais, que é a marca da sua sabedoria.

Eu tive o privilégio de trabalhar com Martin Gilbert durante três anos na década de 70; desde então, tenho sido seu amigo de forma constante e tive com frequência o privilégio de ser seu colega. Naqueles três anos, testemunhei e maravilhei-me com o cuidado e a energia que dedicava ao seu trabalho. Martin não era um homem rico, nem então nem agora, mas não poupava gastos para ter a certeza que todo e qualquer documento que pudesse ser encontrado o seria. Uma vez que as despesas em reunir o material eram importantes, perguntei-lhe uma vez se deveria ser mais cuidadoso com o que copiava no Arquivo Nacional e em outros arquivos. Ele respondeu-me com sentimento: “Deves conseguir tudo. Nós temos que ter tudo aqui”.

O seu compromisso em encontrar todos os documentos relevantes não era menos que feroz, mesmo que os seus modos nunca o fossem. Ele diria: “Tu tens uma boa memória, e eu tenho uma boa memória; nós não devemos confiar nas nossas memórias”. Aprendemos a olhar para as coisas uma e outra vez. Aprendemos a escrever possuindo directamente as provas. Aprendemos que é um trabalho infinito encontrar todas as provas, mas que este conhecimento deve estimular-nos não para o desespero mas para ainda mais esforço. Os melhores esforços irão produzir resultados: ele gostava de dizer, “Na redação da história dos séculos XIX e XX, não há lugar para a palavra ‘talvez’”. Se usássemos este termo com ele, a sua sobranceira levantar-se-ia e ele diria: “Talvez não!”.

No que diz respeito a Churchill, a abundância de registos é tanto um obstáculo como também uma oportunidade. Martin escreveu uma vez que o primeiro passo é simplesmente ler o que Churchill

escreveu, e que mesmo isso requer meses de aplicação. Por pensar que viveria uma vida curta tal como o seu pai viveu, Churchill aplicou-se ao seu próprio trabalho um sentimento próximo da fúria. Guardo os seus *Discursos Completos*, que não são bem completos, na minha estante não muito longe dos escritos completos de Abraham Lincoln. Os discursos de Churchill por si só são muitas vezes mais volumosos que tudo aquilo que Lincoln escreveu. Adicionalmente, Churchill escreveu cerca de cinquenta livros, milhares de artigos, memorandos e minutas oficiais. E isto é apenas o que ele escreveu sozinho; inspirou ainda e reconhecidamente opiniões sobre ele próprio e empreendimentos nos quais esteve envolvido, com amigos, adversários ou historiadores, que totalizam mais de cinquenta milhões de palavras.

A biografia oficial tornou-se maior do que Martin Gilbert havia previsto, quase maior do que ele próprio conseguiria fazer. O seu método era simples ainda que ambicioso. Procurou em todos os lugares possíveis as fontes originais. Cobriu de forma cuidadosa fontes secundárias: com mais cuidado quando os autores eram testemunhas originais ou participantes nos eventos, com mais cuidado ainda quando o registo das suas recordações datava ao próprio momento dos eventos. Este vasto tesouro de material, uma vez recolhido, era colocado em estrita ordem cronológica.

Os documentos eram colocados em “*wodges*”, tal como ele lhes chamava,



Martin não era um homem rico, nem então nem agora, mas não poupava gastos para ter a certeza que todo e qualquer documento que pudesse ser encontrado o seria

e cada *wodge* tinha uma folha de papel branca com a data de início escrita. Os *wodges* eram mantidos juntos com molas para papel ou ‘*bulldog clips*’.

A biografia desdobrou-se em centenas e depois milhares destes conjuntos. Quando um *wodge* ficava demasiado grande, era dividido em diversos *wodges*. Eram todos mantidos na sua secretária, que tinha cerca de nove metros de comprimento, na sua ordem cronológica. As fontes secundárias era fotocopiadas e colocadas num local correcto na cronologia. Era preciso ser bastante cuidadoso para não colocar nenhum cesto dos papéis por baixo da secretária: alguma coisa poderia cair lá dentro! E não transportava os documentos para qualquer lado. Se precisasse de usar um deles, faria uma fotocópia.

Martin sentar-se-ia na sua longa secretária durante horas, começava a escrever, o mais tardar, às 9 horas da manhã em ponto. Por vezes, “bandeiras” – longas tiras de papel preso por um clipe – eram colocadas ao lado de um documento com particular importância, alguns com um pequeno sumário no topo sobre o conteúdo do documento ou com o tema que tratava.

Até aproximadamente aos últimos quinze anos, escreveu tudo à mão com uma caligrafia impecável. Gostava da caneta de tinta permanente Lami Safari, tinha várias espalhadas por cima da secretária. Possuía uma ou duas canetas de tinta permanente de Churchill mas não as usava. Uma vez, uma delas desapareceu e iniciou-se uma busca frenética, fazendo uso de todas as mãos até ser descoberta. Quando foi encontrada, para seu grande alívio, deu a volta ao quarto para verificar e estar duplamente certo que nenhum cesto dos papéis estava posicionado de tal forma a que algo lá pudesse cair por acidente.

Um amigo disse-me uma vez: “Não consigo perceber como é que ele produz tanto; eu nunca o poderia fazer”. Respondi-lhe que provavelmente nenhum de nós poderia, mas que poderíamos tentar seguir o seu exemplo pelo menos num ponto. Poderíamos sentar-nos todos os dias, o mais tardar às 9 horas da manhã e começar a trabalhar. Martin sofreu uma vez de paralisia de Bell, tendo ficado com parte da sua face paralisada. Não obstante, trabalhou as mesmas horas, segurando a sua caneta numa mão e na outra um lenço que

pressionava contra a sua boca para a manter totalmente fechada.

Percebi desde que conheci o Martin que ele era feito para o seu trabalho e o seu trabalho era feito para si. Tive o privilégio de conhecer e de estudar com alguns grandes académicos, e trabalho actualmente com alguns aqui em Hillsdale College. Mas nunca vi alguém com tanta capacidade para dominar os detalhes e para transformá-los em ordem e sentido. Nunca vi alguém tão diligente e cuidadoso em assegurar que o que escrevia reflectia as provas que tinha em sua posse.

Os seus esforços lembra-me uma das mais brilhantes passagens que Churchill escreveu sobre os grandes pintores:

... tentar pintar uma imagem é, supor, como tentar lutar uma batalha. Se alguma coisa, é mesmo mais emocionante do que lutá-la com sucesso. Mas o princípio é o mesmo. É o mesmo tipo de problema, como o desdobramento de um longo, sustentado e intrincado argumento. É uma proposição que, quer composta por poucas ou muitas partes,

é comandada por uma unidade singular de concepção. E nos pensamos – apesar de não o podermos dizer – que pintar uma grande imagem requer um intelecto a uma grande escala. Tem de existir aquela visão que tudo abrange que apresenta o início e o fim, o todo e cada parte, como uma impressão instantânea retentiva e incansavelmente mantida na mente. Quando olhamos para os grandes Turners – telas com metros de largura e altura – e observamos que são todas feitas numa peça e representam um único segundo do tempo, e que qualquer inúmero detalhe, por mais pequeno que seja, por mais subordinada que seja, é lá disposto naturalmente e na sua verdadeira proporção e relação, sem esforço, sem falha, temos que nos sentir na presença de uma manifestação intelectual igual na qualidade e na intensidade das mais elevadas conquistas de acção bélica, de argumento forense, ou de adjudicação científica ou filosófica.

Que isto seja uma descrição dos feitos de Sir Martin no desenvolvimento

deste Grande Trabalho.

Irei terminar com dois pontos de natureza pessoal. O primeiro é uma palavra de louvor para com os membros da família mais próxima de Sir Martin. Conheço a sua maioria – Helen, Susie, Natalie, David, Josh, Margaret e Esther – há décadas, tendo o seu apoio sido sempre inabalável. A mulher de Martin, Esther tem sido brava, corajosa, forte e afectuosa em cuidar dele nos bons e maus momentos.

A segunda é uma palavra sobre este homem que foi meu professor e empregador. Para quem um estudante tem uma dívida que não pode ser paga. No meu pago a minha dívida é agravada pelo facto de que conheci a minha mulher, de agora há trinta e três anos, na sua casa. Durante muito do tempo que trabalhamos para Martin, Penny Houghton, agora Arnn, foi o único outro membro da equipa, e isto permitiu-me o privilégio que ainda hoje estimo que a ter conhecido. O exemplo de Sir Martin, que observámos e procurámos seguir agora por mais de três décadas, é um dos grandes benefícios que colhemos. ■

Mestre da Cronologia

Martin Gilbert tem respeito pelo que costumava ser chamado “os leitores gerais” que, apesar de tudo, ainda existem.

Cronologia, cronologia”, Martin Gilbert uma vez disse-me, “cronologia é tudo: é a chave para escrever história de forma apropriada”. Ele está certo e, em comparação com todas as modernas e em voga teorias de história como brincar com a cronologia, adoptando abordagens temáticas ou deterministas, a teoria de Martin é ainda de longe a melhor, e suspeito que sempre o



POR
Andrew Roberts

Historiador. Autor de *History of the English - Speaking Peoples in the 20th century*

será. A sua insistência em contar ao leitor o que aconteceu a seguir, com absoluta integridade, em vez de tentar extrapolar teoremas políticos ou filosóficos de eventos, faz com que a narrativa que emerge permita ao leitor exercer o seu próprio julgamento sobre os eventos descritos.

A forma de Martin escrever a história está, desta forma, presente directamente na tradição dos grandes historiadores do passado, pessoas que confiavam nos seus leitores, em vez de esperar palestrar-los, mudá-los, doutriná-los ou simplesmente induzi-los em erro. Neste sentido, ele é um professor superior a Eric Hobsbawm, E. H. Carr, André Deutsch, E. P. Thompson, Manning Clark, Christopher Hill, Howard Zinn e outros cujas representações do passado foram guiadas pelo desejo de impor uma ideologia abrangente, em vez de simplesmente contar aos seus leitores o que tinha de facto acontecido. Talvez por essa razão, Martin nunca foi reconhecido de forma apropriada pela academia pelo que ele sem dúvida é: um dos nossos maiores historiadores vivos.

Ao contrário de alguns outros historiadores, Martin é sempre um democrata demasiado genuíno e natural para